

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARIA PAULA COSTA DEFAVERI

**O AMOR COMO CAMINHO À INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

CRICIÚMA

2021

MARIA PAULA COSTA DEFAVERI

**O AMOR COMO CAMINHO À INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a MSc.^a Fernanda de Souza Fernandes

Coorientador: Prof. MSc. João Alberto Ramos Batanolli

CRICIÚMA

2021

MARIA PAULA COSTA DEFAVERI

**O AMOR COMO CAMINHO À INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Saúde e Processos Psicossociais.

Criciúma, 24 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Fernanda de Souza Fernandes – Mestra – UNESC – Orientadora

Prof. João Alberto Ramos Batanoli – Mestre – UNESC – Coorientador

Prof.^a Anita Oliveira Mussi – Mestra – UNESC

Prof. Caroline Andreia Girardi – Especialista – FATO/IJRS

“Escrever sobre o amor quer dizer então confrontar-se com o inexplicável, contar uma experiência misteriosa e subversiva, dar voz aos próprios fantasmas. Todo discurso sobre o amor se torna assim o discurso sobre si mesmo, a confissão mais íntima.”

Aldo Carotenuto

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender a vivência do amor na convivência com outras pessoas como um caminho para a individuação, sob o ponto de vista da Psicologia Analítica. Para isso, buscou-se ampliar o conceito e definição de individuação e fazer uma associação entre este e a vivência do amor, propostos pela mesma teoria. A pergunta/problema a ser respondida foi: de que forma o amor promove a individuação? Trata-se de um estudo de Análise de conteúdo, uma metodologia do tipo bibliográfica, numa abordagem qualitativa com enfoque exploratório e descritivo. No presente trabalho, pudemos encontrar que o amor é uma força que causa medo devido ao tamanho de desordem que pode causar internamente no indivíduo, mas é essa confusão que possibilita que enxerguem novas perspectivas dentro de si. Desenvolver o amor não é uma tarefa fácil porque não é fácil ter consciência dos próprios complexos, ter a coragem de encarar a própria sombra e desfazer-se das identificações externas a fim de se enxergar mais claramente. O amor diviniza porque exige um sacrifício nosso para nos tornarmos pessoas melhores. É essa transformação pessoal que serve como inspiração para os mais próximos de nós.

Palavras-chave: Psicologia analítica; Amor; Eros; Individuação; Movimentos coletivos; Inconsciente Coletivo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1 - A fonte mandálica</i>	42
<i>Figura 2 - Surgimento dos opostos</i>	43
<i>Figura 3 - Despidos para a ação</i>	44
<i>Figura 4 - Descida para o banho</i>	45
<i>Figura 5 - União, a manifestação do mistério</i>	46
<i>Figura 6 - Na tumba</i>	47
<i>Figura 7 - Separação da alma</i>	48
<i>Figura 8 - As gotas do orvalho de Gedeão caem da nuvem</i>	49
<i>Figura 9 - Reunião da alma e corpo</i>	50
<i>Figura 10 - Ressureição do corpo unido eterno</i>	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 TEMA	12
1.2 PROBLEMA	12
1.3 PRESSUPOSTOS.....	12
1.4 OBJETIVOS	13
1.4.1 Objetivo Geral	13
1.4.2 Objetivos Específicos	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 PRINCIPAIS CONCEITOS	14
2.2 HERMES E O ESPAÇO HERMÉTICO.....	19
2.3 O MITO DE EROS E PSIQÜÊ.....	22
3 METODOLOGIA	27
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	27
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1 O AMOR NA MODERNIDADE	29
4.2 A INDIVIDUAÇÃO APLICADA EM MOVIMENTOS COLETIVOS	35
4.3 A CONIUNCTIO COMO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	39
4.4 O MITO DE EROS E PSIQÜÊ EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O Brasil vem atravessando uma crise política que se agravou em 2018, durante as eleições e, a datar de março de 2020, estamos atravessando também uma crise sanitária com a pandemia do Coronavírus. Tudo isso na era da tecnologia, época em que as pessoas escutaram promessas de que seria um momento auspicioso para ampliar a conexão com outras pessoas, porém nunca o ódio foi tão disseminado quanto agora, em forma de discussões e vexações coletivas. A cultura do cancelamento atua como uma sentença, onde cada um faz “justiça” com as próprias mãos através de seus smartphones e notebooks e não conseguem ter empatia com a posição e situação do outro.

Mesmo Jung (2019), em sua época, já identificava um vazio existencial na população em geral: buscavam preencher este vazio com casamento, com uma reputação, com sucesso exterior e com dinheiro, mas mesmo atingindo o que almejavam permaneciam infelizes. O contentamento com respostas rasas ou falsas a respeito das questões da vida gerava a neurose, tida por Jung (2019) como uma limitação do espírito. Ou seja, a vida não possuía conteúdo suficiente, não tinha sentido. Somente quando a personalidade se expande numa realidade mais vasta é que a neurose se encerra.

Para Jung (2019) o que falta no homem moderno é o contato para viver e sentir os símbolos que, na época, eram dispostos pela igreja. Logo, este conceito foi ampliado e profundamente esmiuçado por Jung em seus estudos, resultando na construção de sua teoria, a Psicologia Analítica.

É difícil ignorar que grande parte da população brasileira rejeita seu atual líder, enquanto outros demonstram uma profunda devoção e admiração. Essa situação não é nova na história do mundo, onde um líder carismático, para alguns, convence a população estimulando ideias, induzindo-a para uma ação, e repentinamente, as ideias são o que há de mais importante na vida dos seus seguidores. Isso acontece, segundo Stein (2006), por uma identificação do ego de cada um dos cidadãos com uma imagem arquetípica, gerando um fenômeno semelhante a possessão – as pessoas deixam de agir por vontade própria e passam a agir motivadas por impulsos inconscientes, mais precisamente do inconsciente coletivo. Em seguida, a pessoa coloca a própria vida à disposição da imagem da bandeira ou da cruz e, por nacionalismo ao país ou lealdade com a religião, fazem o

necessário para cumprir e fazer cumprir seus ditames. Foi dessa maneira, por exemplo, que os indivíduos levaram suas crenças nas cruzadas e no nazismo, porque era isso que dava sentido às suas vidas.

Surge o questionamento, então, de como conviver com outras pessoas que se encontram diretamente ligadas ao inconsciente coletivo? Como o amor serve de remédio para este drama social e político que vivemos? As discussões até agora não resolveram nada e ficar esperando que todo mundo busque esclarecimento de si mesmo através de um processo psicoterapêutico consiste numa ideia utópica. Apesar de terem surgido vários questionamentos ao longo desta problematização, a questão central que esta pesquisa busca responder é como o amor pode auxiliar na melhoria das relações sociais, de acordo com o processo de individuação que Jung conceitua.

1.1 TEMA

O amor como caminho à individuação.

1.2 PROBLEMA

De que forma o amor promove a individuação?

1.3 PRESSUPOSTOS

O amor divino não pode ser plenamente vivenciado pelo ser humano por ser um sentimento sublime, intrinsecamente ligado com a essência da divindade. No entanto, o processo de individuação descrito por Jung se apresenta como uma jornada por onde o ser humano pode desenvolver este amor em alguma graduação, pelo fato de este processo envolver a transcendência de si mesmo e a integração dos opostos.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender a vivência do amor como um caminho à individuação coletiva e individual, sob o ponto de vista da Psicologia Analítica.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Entender o conceito e definição de individuação de acordo com a Psicologia Analítica;
- b) Associar o aspecto da vivência do amor com o conceito de Individuação da Psicologia Analítica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PRINCIPAIS CONCEITOS

Dentre os objetos de estudo da Psicologia, encontra-se a busca pelo entendimento da psique consciente e inconsciente. Essa parcela inconsciente possui conteúdos desconhecidos e sua natureza é expressa a partir de elementos conscientes (JUNG, 2017). Os conteúdos do inconsciente podem ser divididos entre tópicos de origem pessoal e por temas de origem desconhecida que contêm uma particularidade mítica. O primeiro são conteúdos reprimidos que fazem parte da história de vida do indivíduo, enquanto o segundo não inclui essa particularidade individual - é como se pertencesse à humanidade em geral. Foram intitulados por Jung (2017), respectivamente, de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Pertencente aos padrões coletivos, Jung (2017) denominou os arquétipos como um agrupamento arcaico, a fonte dos símbolos que remetem à mitologia antiga, comumente encontrada nos contos de fadas, mitos, lendas e folclore. É comum que o inconsciente coletivo apareça constelado em grandes grupos sociais; e quando isso acontece, guerras e revoluções surgem como que através de uma epidemia mental. São movimentos extremamente contagiosos por conter esse fator ativado, o indivíduo deixa de fazer parte do movimento e torna-se o próprio movimento.

O ego surge, portanto, como um fator complexo pelo qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. Qualificando-o como o centro do campo da consciência e o responsável pelos atos conscientes de uma pessoa (STEIN, 2006). O ego diz respeito à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação. Todos os conteúdos psíquicos são apresentados ao ego, como um espelho no qual a própria psique pode enxergar a si mesma a fim de se tornar consciente (STEIN, 2006).

Em contrapartida, “a consciência é uma categoria mais ampla do que o ego e contém mais do que somente o ego” (STEIN, 2006, p. 24). A consciência é o estado de estar desperto e atento, observando tudo que acontece ao redor e dentro do indivíduo. O seu oposto seria equivalente a um estado de completa ausência de reatividade e da capacidade de perceber e sentir (STEIN, 2006).

De acordo com Stein (2006) o ego também é o responsável por manter os conteúdos na consciência e reprimir aqueles que não lhe agradam, seja por considerá-los intoleráveis ou por incompatibilidade com os outros conteúdos. Além do mais, o ego possui uma base somática e outra psíquica, com camadas que se sobrepõem tanto na consciência quanto no inconsciente. Por isso é possível que as perturbações somáticas e conflitos psíquicos possam afetar o ego (STEIN, 2006).

A consciência não está sob controle total do ego, um aspecto inconsciente que pode controlá-lo é a sombra. A sombra é constituída por traços de personalidade que causam uma dissonância cognitiva ou emocional. Tudo que o ego rejeita se torna sombra, em vista disso ela não pode ser experimentada diretamente pelo ego, ela tende a ser projetada nos outros (STEIN, 2006). A consciência tende a integrar apenas as partes com as quais se identifica, tornando parte integrante de si mesma e da persona. A sombra é caracterizada por aquilo que é incompatível com a persona (STEIN, 2006).

Sombra e persona são, segundo Stein (2006), conteúdos em contraste. Uma complementa e se opõe a outra. A persona é compatível com normas e estruturas sociais, por isso o ego tende a se sentir mais confortável com ela. Ela possui uma autonomia considerável e sua tarefa consiste em esconder e revelar pensamentos e sentimentos conscientes de uma pessoa para outra. A sombra, como um complexo complementar, atua como uma contra pessoa. E pode ser considerada como uma subpersonalidade que quer o que a persona não permite. Por essa razão, quando um ego está identificado com os valores e qualidade de uma persona, tende a ver a sombra como algo maligno (STEIN, 2006).

No entanto, a sombra não é o único complexo que pertence ao inconsciente. Ele é, na verdade, povoado por diversos complexos e aparece muitas vezes constelado pelo indivíduo. O termo “constelação” se apresenta no vocabulário junguiano como uma insinuação de que a consciência está prestes a ficar perturbada pela energia de um complexo. Quando isso ocorre, a pessoa perde o controle de suas emoções e comportamentos, agindo como se estivesse sob o controle de uma força superior à sua vontade (STEIN, 2006).

Os complexos são estruturas compostas de imagens associadas e memórias congeladas de momentos traumáticos reprimidas no inconsciente, e por isso não são facilmente acessíveis pelo ego. A energia que dá força para essas estruturas é chamada de libido, ela é considerada a energia psíquica. Por isso alguns complexos

são mais energizados do que outros (STEIN, 2006). Segundo Stein (2006), a energia psíquica de um complexo pode ser obtida através de novos traumas que estejam associados ao antigo material ou devido ao poder magnético do núcleo arquetípico. De qualquer forma, a psique não consiste num sistema fechado e a irrupção de um complexo na consciência evidencia que ele ficou mais energizado do que o ego, de maneira a possuí-lo.

Os símbolos são grandes organizadores da libido, e seu uso foi estimado por Jung devido ao fato de que os símbolos podem ser a expressão de algo que é conhecível ou ainda não é acessível ao presente estado de consciência (STEIN, 2006). “Um símbolo atrai para si uma grande soma de energia e dá forma aos processos pelos quais a energia psíquica é canalizada e consumida. Os símbolos emergem da base arquetípica da personalidade, o inconsciente coletivo” (STEIN, 2006, p. 79).

Para compreender as relações de um indivíduo com o seu mundo interior do inconsciente, Jung denominou a Anima e o Animus como duas estruturas psíquicas que ajudam o indivíduo a adaptar-se às exigências e necessidades dos pensamentos intuitivos, sentimentos, imagens e emoções com que o ego se defronta (STEIN, 2006). Essas estruturas agem com uma sombra da personalidade, mas de maneira diferente da dicotomia bom versus mal, e sim marcada pela polaridade masculino e feminino. Anima compreende o componente feminino na personalidade do homem, e Animus designa a parte masculina da mulher.

Jung se inspirou em “palavras do termo latino *animare*, que quer dizer animar, avivar, porque sentiu que a anima e o animus se assemelhavam a almas ou espíritos animadores, vivificadores, para homens e mulheres” (SANFORD, 2020, p. 12). Assim como os outros arquétipos, a anima e o animus também possuem aspectos positivos e negativos, podendo aparentar-se atraentes e desejáveis ou destruidores e enfurecedores. Uma semelhança que remete aos antigos deuses e deusas, ora abençoando a humanidade com dádivas, ora castigando-os da maneira devastadora (SANFORD, 2020).

Isso acaba gerando em implicações nos relacionamentos amorosos, pois os homens tendem a projetar seu lado feminino nas mulheres e as mulheres projetam seu lado masculino nos homens. Essas imagens psíquicas projetadas no parceiro influenciam a qualidade do relacionamento, tendo em vista que a imagem projetada pode ser supervalorizada ou subvalorizada (SANFORD, 2020). Entretanto, essa fase

projetiva é limitada no tempo e inevitavelmente se encerra com variáveis graus de animosidade, segundo Hall (2007). Isso ocorre porque ninguém real pode sustentar as expectativas idealizadas pelo outro. “Se a anima ou o animus projetados não forem integrados, ao se retirar a projeção, o mais provável é que o processo volte a ocorrer com alguma outra pessoa” (HALL, 2007, p. 22).

Jung (2002) esclarece que a anima não é a alma no sentido dogmático, mas sim como um arquétipo que abrange todas as afirmações do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ela é a faísca de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. Ela vive por si mesmo e é que o que impulsiona a vida da pessoa, é uma vida por trás da consciência e através dela emerge, por isso não pode ser completamente integrada.

A partir do arquétipo da anima é possível entrar no reino dos deuses, pois tudo que é tocado pela anima se torna numinoso (JUNG, 2002). Se a imagem da sombra já instigava medo e apreensão, a imagem de anima ou animus estimula um entusiasmo, atração e desejo de união (STEIN, 2006). Por isso, quando um líder eletriza o público com sua carga carismática, ele mobiliza e constela as animas e animus individuais. O público quer acreditar no que ouve e seguem em direção à ação, foi criada uma impressão da realidade tão forte que gera uma convicção provinda do comando emocional exercido pela anima e animus (STEIN, 2006).

Tendo em vista que a função dessas imagens internas é atrair, convencer, fascinar e subjugar, é de se esperar que as pessoas tendem a sucumbir e se render a elas. Elas são responsáveis por proporcionar ao mundo o pressentimento do divino ao mesmo tempo que protegem as pessoas da experiência direta com o divino, que pode ser arrebatadora (JUNG, 2002). Através dos séculos, os seres humanos foram organizando essas imagens e depositando num sistema abrangente de pensamentos, hoje são representados por uma instituição poderosa e venerável que se expandiu na Igreja Católica (JUNG, 2002).

Mas o ser humano ainda é infantil, Jung (2002) diz que sua consciência é insegura e recém saíram das águas primordiais, pois o leve toque do inconsciente pode deixar o homem inconsciente. “Uma onda do inconsciente pode facilmente arrebatá-lo e ele se esquecer de quem era, fazendo coisas nas quais não se reconhece” (JUNG, 2002, p. 32). É um perigo que os homens primitivos já conheciam instintivamente e por essa razão temiam os afetos descontrolados, a

consciência poderia submergir com facilidade e a possessão entraria em cena. A história da humanidade concentrou-se em consolidar a consciência (JUNG, 2002).

Jung (2002) relacionou o encontro com a sombra como obra do aprendiz e o confronto com a anima como a obra-prima. No sentido de que a relação com a anima revela um teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem. Lembrando que a anima manifesta as realidades psíquicas que não foram apropriadas pelo indivíduo, pois até então se mantinham em forma de projeções. Tendo em vista tamanha autonomia dos arquétipos, por serem conteúdos numinosos, sua integração não pode ser feita de maneira estritamente racional. É necessário que haja um processo dialético, um confronto realizado em forma de diálogo (JUNG, 2002).

A forma para se obter a harmonização dos conteúdos conscientes com os inconscientes não pode ser indicado com um modelo padrão, pois se trata de um processo irracional que se expressa por determinados símbolos (JUNG, 2002). Dessa maneira que Jung (2002) reconhece a importância de um profissional habilitado com o conhecimento de símbolos, ajudando a integrar os conteúdos, da onde surgirá novas situações e estados de consciência. Jung (2002) nominou o termo “função transcendente” para designar a união dos opostos em direção à totalidade da psique.

Para chegar à integridade, é preciso que consciente e inconsciente sejam colocados em relação mútua já que a psique é constituída por duas metades incongruentes, e que juntas formam um todo (STEIN, 2006). A experiência total de integridade é conceituada pela psicologia analítica como a individuação, um processo que dura a vida inteira e que aponta para o surgimento do si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência (STEIN, 2006).

Stein (2006, p. 137) declara que “o si-mesmo é transcendente, o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele, mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o”. Para Jung (1981), a individuação fala sobre se tornar uma personalidade única, onde a individualidade equivale à uma singularidade mais intimista e incomparável, uma pessoa indivisa e integrada, tornando-se o próprio si-mesmo.

O conceito de si-mesmo não tem nada a ver com o egoísmo, da mesma maneira que individuação não corresponde ao individualismo. Enquanto o individualismo busca acentuar e enfatizar as próprias peculiaridades se opondo às

obrigações coletivas, a individuação foca na melhor realização das qualidades coletivas do ser humano com uma consideração adequada das peculiaridades individuais (JUNG, 1981).

O si-mesmo ocorre, ao mesmo tempo, de maneira estrutural e dinâmica, pois sua transformação perdura por toda a vida e segue uma sequência de imagens arquetípicas características desse processo (STEIN, 2006). Durante todo o desenvolvimento do indivíduo, o si-mesmo colide com a psique e gera mudanças nos níveis físico, psicológico e espiritual. “O processo de individuação é impulsionado pelo si-mesmo e levado a efeito através do mecanismo de compensação. Embora o ego não o gere nem o controle, pode participar nesse processo na medida em que adquire consciência dele” (STEIN, 2006, p. 173).

Mesmo assim é possível que o indivíduo fracasse na tarefa de individuação, permanecendo fragmentado, com uma multiplicidade interna. Pode chegar até uma idade avançada com uma vida social e coletivamente bem-sucedida, mas ainda assim, apenas superficial (STEIN, 2006). A meta da individuação é, portanto, desapossar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como da possessão dos arquétipos (JUNG, 1981).

Em suma, o trabalho da individuação orienta a pessoa para livrar-se das identificações com os complexos pessoais, sem sucumbir às sedutoras identificações com as estruturas arquetípicas. Para construir uma psique que seja capaz de experimentar o numinoso sem se deixar possuir por ele, nem contar com ele para propósitos defensivos. Uma certa liberdade em relação aos complexos pode ser conquistada para obter um vislumbre da identidade transcendente, mas seria um absurdo, para Stein (2020), acreditar que alguém possa se livrar deles por completo.

2.2 HERMES E O ESPAÇO HERMÉTICO

O movimento da individuação é representado simbolicamente como uma jornada de *circum-ambulação*. Esse é o símbolo que deve ser compreendido como uma metáfora para o processo psicológico que ocorre dentro de um espaço que não é literal (STEIN, 2020). De acordo com Stein (2020), o espaço da individuação é complexo e paradoxal, pois não pode ser explicado como um processo unicamente interior e mental. Quando, na verdade, “a individuação avança tanto por sincronicidade uma união de imagens e significados psíquicos internos e pessoas e

acontecimentos externos quanto por sequências de acontecimentos e resultados causais” (STEIN, 2020, p. 128).

Da mesma maneira, o mito não deve ser interpretado de maneira literal, e sim como um guia simbólico, pois são imagens de figuras e processos psicológicos dos arquétipos. Hermes surge como uma representação do “guia das almas”, onde exerce sua função de orientar a consciência para novos e desconhecidos espaços. Outra função predominante de Hermes é a qualidade do vento, por ser veloz e alado, considerado também o padroeiro dos transportes e das atividades comerciais na terra e no mar (STEIN, 2020).

A qualidade do vento pode ser interpretada como algo suave, invisível, de poder fantasmagórico, livre do poder humano e regente da criatividade. Ainda mais, a identidade de Hermes é relacionada com um caráter furtivo e mágico, também é patrono dos ladrões, assaltantes, viajantes e comerciantes. Um aspecto amoral que o retrata como mago, é a partir desses poderes que seus atributos se manifestam na capacidade de criar, entrar e sair dos espaços mais inusitados e surpreendentes (STEIN, 2020).

Nas narrativas míticas, Hermes é descrito como um jovem ágil nos movimentos, mestre na arte da retórica, intuitivo, com um bom senso de humor. Nas histórias ele não se encontra do centro da tomada de decisões e ações, pelo contrário, encontra-se nos arredores, na periferia, locais por onde se descola. A essência de Hermes é encontrada, portanto, no limiar das coisas, nas fronteiras. Por ser considerado, ademais, o deus das fronteiras e encruzilhadas, ele demarca os limiares entre este mundo e o mundo subterrâneo, em outras palavras, responsável pela condução das almas pela fronteira da vida e da morte (STEIN, 2020).

Por delimitar os espaços e fronteiras, Hermes define os horizontes da mente e ao demarcar limites se harmoniza com o princípio da individuação, que é a criação da diferenciação (STEIN, 2020). É desse modo que

Seu marco assinalava o limite da consciência. Além da fronteira está o "outro", o misterioso, o perigoso, o inconsciente. Quando se fixam marcos e se estabelecem limites, no entanto, a curiosidade e o comportamento explorador também ficam estimulados, e novos espaços convidam o ousado e corajoso viajante a aventurar-se por eles. Se Hermes demarca o limite entre consciente e inconsciente, precisamos entender que esse limite está sempre em movimento e constante mudança; ele é mercurial, volátil (STEIN, 2020, p. 134).

A intervenção de Hermes ocorre num campo perceptual e psicológico, onde se é capaz de criar novas possibilidades de consciência que permitam a ampliação

dos limites e fronteiras que até então eram tidos como misteriosos. O desaparecimento do deus pode indicar a perda de identidade e de definição, mesmo assim, isso indica uma fluidez no movimento, uma característica típica da atitude psicológica necessária para a individuação. Tendo em vista que o espaço da individuação muda constantemente, ele não se localiza em espaços físicos como numa sala de terapia e não segue padrões de tempo previsíveis (STEIN, 2020).

Conforme o indivíduo consegue se diferenciar da identidade familiar e cultural em que está inserido, o fator hermético arquetípico ganha capacidade para atuar de maneira mais natural e espontânea. Ao recusar a aceitar os limites culturais como absolutos, se liberta Hermes do ego e de seu condicionamento, colocando-se em relação com as forças arquetípicas. Hermes se faz presente além das encruzilhadas, ele pode se encontrar na praça pública e em casa, ou seja, ele pode levar e trazer aspectos simbólicos para todas as atividades e comportamentos da vida cotidiana (STEIN, 2020).

Como o deus que estabelece fronteiras, define espaços e possui o instinto da criatividade, Hermes representa o criador de espaços novos e inventivos no âmbito psicológico. O espaço da psicoterapia se trata de um novo lugar que não viola as fronteiras dos espaços já estabelecidos pela pessoa, é um local que se abre um limiar entre o público e privado, profissional e pessoal. O método de imaginação ativa é um recurso que possibilita o diálogo com as imagens internas do indivíduo, usando da criatividade para traçar caminhos. Através dessas possibilidades se cria um lugar seguro para a individuação, onde é possível realizar distinções e separação de identidades, ao mesmo tempo que novas figuras e conteúdos emergem, oportunizando a comunicação com essas imagens e sua integração (STEIN, 2020).

A individuação ocorre além do espaço interior, uma vez que pode envolver outras pessoas e interagir com seus diferentes níveis da psique. De maneira nenhuma é, também, um espaço exclusivamente interpessoal, tendo em vistas que figuras do inconsciente pessoal e coletivos podem se fazer presentes. Stein (2020), relaciona todos esses fenômenos às nuances de aspectos psíquicos pertencentes ao deus Hermes, conhecido como o deus das transformações.

2.3 O MITO DE EROS E PSIQUÊ

O mito é sempre a manifestação inconsciente das situações decisivas da humanidade (NEUMANN, 1993). Por ser um produto da imaginação coletiva, sendo recontado e aperfeiçoado por um considerável número de pessoas, ele carrega um poderoso significado coletivo (JOHNSON, 1987). Neste caso, “o mito de Eros e Psiquê é uma das metáforas do processo de transformação da libido que corresponde ao tema da união dos opostos ou Syzygias, constituídas pela conjugação das energias masculinas e femininas da psique humana.” (MUSSI, 2019).

Eis aqui uma síntese do mito de Eros e Psiquê obtida a partir das narrativas de Johnson (1987) e Neumann (1993): Psiquê é princesa de um reino e a mais nova de duas irmãs já casadas com reis de reinos vizinhos. Psiquê possui uma beleza tão magnífica que se iniciou o boato de que ela era a nova Afrodite, nascida do orvalho. As pessoas começaram a louvá-la e a realizar rituais em seu nome, esquecendo da verdadeira deusa Afrodite. Todos os homens admiravam sua aparência, mas nenhum a cortejava. Psiquê se lamenta pelo sentimento de solidão, de não possuir um marido, um amor.

Infeliz e irada com a situação, Afrodite pede ajuda de seu filho Eros para armar sua vingança contra Psiquê, a humana responsável pelo esquecimento do culto à Afrodite na Terra. Eros é um deus alado ainda novo e indisciplinado, mas Afrodite o convence lembrando-o de seu amor materno pedindo que, com uma de suas flechas, faça Psiquê se apaixonar por um monstro tão horrível que ninguém nunca mais queira partilhar de sua presença.

O rei e a rainha, preocupados com o futuro de sua filha porque ninguém aparece para pedir sua mão em casamento, consultam um oráculo. O oráculo responde que Psiquê deve ser levada ao monte mais alto e abandonada para ser desposada pela morte, a criatura mais horrenda e repulsiva. Psiquê aceitou seu destino, apesar de sentir medo sozinha no alto do rochedo, quando de repente foi levada pelo vento Zéfiro até um bosque, onde se deparou com um palácio criado por divindades, digno da morada de um deus. Psiquê recebe tudo que deseja de suas servas invisíveis para sentir-se o mais confortável possível.

De noite, deitada em seu leito, Eros se aproxima e desposa da virgindade de Psiquê, da mesma maneira como se espera que um casamento seja consumado.

Eros informa que ela pode permanecer ali para sempre, possuir muitos tesouros e desfrutar de seu paraíso, desde que não procurasse ver seu rosto. Psiquê concorda em seguir as vontades do marido. Com o raiar do dia Eros desaparece e Psiquê se entristece ao pensar que suas irmãs estão preocupadas com sua situação, devendo achar que ela morreu no rochedo.

Psiquê solicita ao marido que suas irmãs possam visitá-la a fim de que se tranquilizem. Eros permite, mas a alerta do perigo que corre se der ouvidos às irmãs curiosas, pois isso causará a sua ruína. As irmãs chegam ao palácio, também trazidas pelo vento Zéfiro, um servo de Eros, e imediatamente se encheram de inveja pois se deram conta de que aquele palácio pertencia a algum deus. Elas vão embora com muitas joias e se lamentam de seus casamentos, já que são casadas com homens velhos e doentes, sentindo-se mais mães e enfermeiras do que esposas.

As irmãs voltam novamente fazendo várias perguntas para Psiquê, a fim de descobrir com qual deus a caçula casou. Psique relata que ele é um caçador, de cabelos morenos, e por isso fica muito tempo fora de casa. Ainda não conformadas, em outra visita, retornam a perguntar da aparência de seu marido. Psiquê já não se lembrava da resposta que tinha dado anteriormente e responde que ele é um homem de mais idade, com cabelos brancos e que precisa viajar a negócios. As irmãs se dão conta de que ela não conhece seu marido e vão embora para arquitetar um plano contra a irmã.

Eros alerta sua esposa do perigo que se espreita, profere para não ceder às influências das irmãs para contemplar seu rosto. Eros anuncia que Psiquê está grávida e se esse desejo for guardado a criança será um deus, caso contrário, um mero mortal. Em sua presença Psiquê confia plenamente em seu amado, mas conforme ele parte pela manhã, ela tende a ficar mais insegura de sua situação.

As irmãs voltam mais uma vez, e dessa vez contam que descobriram a verdade, Psiquê realmente se casou com um monstro, uma serpente com planos de devorar ela e o filho que carrega na barriga. Aconselham-na a preparar um punhal bem afiado e encher um candeeiro de óleo para que consiga ver com clareza a face do monstro, esperar que a fera durma para dar um golpe certo em seu pescoço.

Psique ficou transtornada e agitada faz seus preparativos para a noite. Eros vai para a cama e adormece. Psiquê acende a lanterna e toma o punhal. Quando ela olha para Eros, se deslumbra e reconhece o deus do amor, a mais bela criatura do

monte Olimpo. Horrorizada pela culpa pensa em cometer suicídio, mas perde o equilíbrio e deixa a faca cair, espetando-se, acidentalmente, nas flechas que estavam próximas da aljava de Eros. Ao mesmo tempo, em sua queda, uma gota de óleo fervente do candeeiro cai em Eros. O deus desperta de seu sono com a dor da queimadura e percebe o que Psiquê fez, o desobedeceu e quebrara sua promessa. Imediatamente Eros voa para longe, e Psiquê agarra sua perna em desespero, mas não aguenta por muito tempo e cai.

Eros sabe que se aproximou de Psiquê mesmo contra a vontade da mãe, ele declara que fez isso por leviandade, pois quando deveria ter feito Psiquê se apaixonar por um monstro, ele mesmo foi atingido por uma de suas flechas. Psiquê, agora no chão, se enche de desgosto e pensa novamente em cometer suicídio. O deus Pã se encontra pelas proximidades e ouve as lamúrias da jovem. Ele se aproxima e aconselha-a a buscar Eros e conquistá-lo novamente.

Eros retorna para a casa da mãe, onde confessa estar apaixonado por Psiquê. Afrodite prende o filho com correntes para que não agravasse sua ferida por negligência intencional e também para evitar um reencontro com a mortal. Psiquê pede ajuda para as deusas Hera e Deméter, porém sua requisição é negada, tendo em vista que as deusas temem a fúria de Afrodite. Psiquê percebe que precisa se dirigir diretamente à Afrodite, pois é ela quem está na posse da solução de todos os seus problemas.

Ao chegar no templo de Afrodite, a deusa insulta verbalmente e judia fisicamente de Psiquê. Defende que esse casamento não é legítimo e que seu filho será um bastardo, caso consinta com o nascimento. Desse modo ela mistura todos os grãos ao seu lado, uma enorme montanha de sementes variadas e exige que Psiquê separe e selecione por espécie até ao anoitecer, caso não obtivesse sucesso seu castigo seria a morte. Vendo que a tarefa era impossível, a princesa nem tentou executá-la, permanecendo imóvel. Entretanto as formigas que passavam por ali presenciaram toda a cena, se compadeceram com a situação de Psiquê e realizaram a tarefa.

Ao voltar, Afrodite admite relutantemente que o trabalho foi bem efetuado e por isso determina outra tarefa impossível: que Psiquê recolha uma porção de lã de ouro de ovelhas ferozes que se encontram numa queda d'água próxima. Psiquê se dirige ao rio para tentar se matar novamente, aonde um caniço verde lhe comenta que ela deve evitar o contato com as ovelhas durante o dia por causa da sua

ferocidade, mas quando anoitece, as ovelhas se encaminham para dormir e soltam tufos de lã que se prendem nos arbustos por quais passam. Psiquê consegue, dessa forma, obter uma porção de lã de ouro.

Furiosa com o resultado, Afrodite pede que a mortal encha um copo de cristal com a água do Estige, um rio que nasce do alto de uma montanha e desaparece sob a terra, retornando novamente à nascente. Ele é guardado por monstros, possuindo uma altura abissal e um rochedo escorregadio. Psiquê fica chocada e inerte, sem nem conseguir chorar. Momento em que a águia de Zeus aparece, toma a taça de cristal de suas mãos e recolhe a água para Psiquê.

Por ver que Psiquê conseguiu executar todos os desafios facilmente, Afrodite impõe um desafio final: demanda que Psiquê desça até o Hades, onde se encontrará com Perséfone, pois é lá que ela guarda seu unguento da beleza, e lhe trará um pouco. Psiquê se dá conta de que não haverá mais testes porque a deusa está encaminhando-a para a própria morte e então decide subir no alto de uma torre para de lá atirar-se. De repente, quem começa a lhe dar conselhos é a própria torre. Ela lhe dá várias instruções para sua jornada pelo mundo dos mortos:

Ela deverá levar, na boca, duas moedas; e dois pedaços de pão de cevada nas mãos. Deverá recusar prestar ajuda a um homem coxo que lhe pedirá para apanhar a lenha que caiu do lombo de seu jumento. Uma das moedas ela dará ao barqueiro que faz a travessia do Estige. Deverá recusar-se a salvar um homem que se está afogando. Não deverá também intrometer-se com as três tecelãs do destino. Uma das fatias do pão ela deverá jogar a Cérbero, o cão de três cabeças, guardião das portas do inferno, e enquanto as cabeças brigam para abocanhar o bocado, ela entra. Deverá recusar-se a comer qualquer coisa que não for comida simples, enquanto estiver no reino dos mortos. No caminho de volta, o procedimento será o mesmo (JOHNSON, 1987, p.80).

Psiquê realiza corretamente todas as especificações de sua jornada, mas quando retorna ao mundo dos vivos cai na tentação de abrir a caixinha que contém o unguento da beleza imortal de Perséfone, com a intenção de que isso auxilie a recuperar o amor de Eros. Entretanto, o que encontrou na caixinha foi um sono estígio que se apoderou de todo o seu corpo e a deixou imóvel, como se estivesse morta.

Nesse momento, Eros já havia se curado e conseguiu libertar-se das correntes, fugiu pela janela e voou em direção à amada. Quando a encontrou, retirou o sono e o colocou novamente na caixinha, acordando a esposa com um leve toque da ponta de uma de suas flechas. Em seguida, Eros voa até o monte Olimpo e, temendo a ira da mãe, pede que Zeus interceda pelo casamento dos dois. Zeus convoca uma

assembleia, pede que Hermes traga Psiquê e determina que ela se torne imortal para garantir a legitimidade do casamento. Desse modo, Ihe é ofertado uma taça de ambrosia, a bebida dos imortais, um banquete de núpcias é servido e a filha do casal nasce, a quem chamam de Volúpia.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Dentro da proposta do presente estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica do tipo Análise de Conteúdo, numa abordagem qualitativa com enfoque exploratório e descritivo. Esta metodologia se baseia numa análise de comunicação destinada a obter indicadores de maneira sistemática o tema central, através da descrição dos conteúdos da mensagem (MENDES e MISKULIN, 2017).

As fases de organização para a análise são as seguintes: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados; inferência e interpretação. Na pré-análise é realizado uma estruturação dos dados com objetivo de constituir o corpus da pesquisa. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p. 96 *apud* MENDES e MISKULIN, 2017, p. 9). Na exploração do material é necessário a realização de um estudo mais aprofundado do corpus constituído, com o objetivo de estabelecer as unidades de registro e de contexto. Tópicos são separados com base na temática de base escolhida. Por fim, com o tratamento e inferência dos resultados, os dados recolhidos são processados de forma que possam ser significativos para a classificação de elementos constituintes do trabalho, distinguindo e depois reagrupando por critérios definidos pelo pesquisador (MENDES e MISKULIN, 2017).

Neste tipo de pesquisa, a atenção ao processo é maior do que a preocupação com o produto final, pois o significado do conteúdo é atribuído pelo pesquisador a partir de sua visão. A opinião do pesquisador qualitativo é vista, por Mendes e Miskulin (2017), como algo essencial para a relação com a pesquisa. O pesquisador está encarregado de integrar o conhecimento e explicar o acontecimento, dando-lhes um significado próprio, no qual o objeto de pesquisa não é um fenômeno estático ou neutro, mas está, na verdade, repleto de significados e relações criadas pelo próprio autor da pesquisa em seu comportamento (MENDES e MISKULIN, 2017).

O direcionamento optado foi buscar na bibliografia de base da Psicologia Analítica, entre 1981 e 2020, o embasamento teórico para a análise dos resultados. Foi encontrado quatro categorias de análise: o amor na modernidade; a individuação

aplicada em movimentos coletivos; a *coniunctio* como processo de individuação; o mito de Eros e Psiquê em relação ao desenvolvimento da psique. Estas categorias foram encontradas nos livros: Sexualidade e Individuação; O mistério da *coniunctio*; Jung e os desafios contemporâneos; SHE; Civilização em transição; Amor e Psiquê; Jung e o caminho da individuação.

A partir destes conteúdos, identificou-se: o amor como uma ponte que liga ao outro, sendo esta a conexão que possibilita o trabalho de individuação; Eros como o responsável por causar uma transformação individual no ser; e a polarização como um potencial para a individuação, mas que, para isso, exige a realização da análise das projeções que estão sendo feitas.

De início, foi realizado a leitura da obra “Memória, Sonhos e reflexões” de Jung para entrar em contato mais profundamente com a visão de Jung de toda sua obra. Lá encontrei que o mal e o bem são relativos, e pensamentos que iam de acordo com os meus motivos para a justificativa deste trabalho. Também falava da dificuldade que teve em compreender e descrever Eros, pois infinito é o paradoxo do amor. Assim, buscou-se compreender mais qual o papel deste deus dentro da psique humana e como o relacionamento coletivo se encontra a partir da visão de Psicólogos Junguianos contemporâneos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 O AMOR NA MODERNIDADE

Diante da modernidade e evolução da tecnologia com a propagação da internet era de se esperar que ocorressem também avanços e desenvolvimento da psique da humanidade. Com a promessa da diminuição de fronteiras com outros países e conhecimento disponível de maneira facilitada é de se questionar porque os seres humanos não desenvolveram proporcionalmente seus afetos.

Werres (2019) atenta para o presente vício social e a busca incessante pelos estímulos das redes sociais, compreendendo esse comportamento como uma tentativa de evitar a solidão. Resultando num costume de manter relações sociais sem as inconveniências do contato físico, maquiando o isolamento com a fantasia da intimidade. Ou seja, diminuíram-se as distâncias, mas intensificou-se o individualismo. É possível acompanhar toda a rotina de amigos, famosos e políticos com o mínimo de reciprocidade, no máximo aprovações que chegam através de um clique padrão para todos.

Para onde foi o convite ao amigo para tomar um café? O que houve com uma confraternização com os colegas de sala de aula que há cinco anos dividem o mesmo espaço? Onde se encontra a construção de uma verdadeira amizade e sentimento de comunidade? Horschutz (2019), afirma que a psique humana precisa do relacionamento com o outro, da reciprocidade de experiências, da modificação de conceitos morais e culturais, da troca de conhecimentos, ideias e sentimentos, num perpétuo aprendizado mútuo.

No entanto, o que realmente ocorre é uma resistência ao reconhecimento do outro, as pessoas não se aceitam, desprezam o outro e até o negam, isso porque desconhecem o quanto o outro reflete a si mesmo (HORSZUTZ, 2019). A tendência da população foi se isolar em padrões conservadores, recusando admitir a existência do novo e do diferente, o que tornou as relações rígidas, impelindo para uma atitude defensiva e paralisante contra sistemas desconhecidos. Por medo do oculto, do novo, julgam e rotulam, fechando-se para a ampla quantidade de informações que surgem a cada momento, a cada encontro (HORSCHUTZ, 2019).

Segundo Carotenuto (2018) é Eros quem cria movimento psíquico, responsável por estabelecer novas conexões e inserir o indivíduo em novos e

desconhecidos projetos. Geralmente o que é desconhecido provoca medo, são sentimentos que andam juntos na dimensão amorosa. É normal que diante de uma nova experiência amorosa a sensação do medo surja, assim como Hillman (1966 *apud* CAROTENUTO, 2018, p. 44) afirma que “o amor excita o medo”. Porém se há uma renúncia à vivência do amor, o encontro com o outro fica impossibilitado, da mesma maneira está se renunciando ao próprio imaginário, um fator gerador interior que é ativado pela dimensão amorosa. Para Meffesoli:

o imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera (2001, p. 75 *apud* ROBERTO, 2019, p. 216).

Da mesma maneira, Carotenuto (2018), compreende que o amor possui características de confusão, desordem, perturbação e irritabilidade, pois só a partir do caos que uma nova existência se forma. Para Roberto (2019, p. 216) “o imaginário se realiza na experiência cotidiana e num clima de comunhão com a vida, na cultura”. Ocupando-se no dia a dia com questão da ordem do intemporal, e ao incluir diálogos sobre a vida, a morte, as paixões avassaladoras e os afetos demoníacos.

O mistério possui um papel importante na existência de cada um, de acordo com Werres (2019), uma vida sem fantasia, transcendência, imaginação, imaginário e sonho é pobre. A obsessão pela racionalidade produziu esterilidade e miséria existencial. E o ato que busca entender e escutar o inconsciente é o que faz com que a vida tenha sentido nesse mundo novamente.

Eros se encontra na “necessidade de um retorno às raízes, da intimidade com o sentimento, do resgate do mistério e da imersão no sagrado para que haja a restituição do sentido de estarmos inseridos em nossas vidas” (WERRES, 2019, p. 33). O processo de individuação se encaixa nessa busca pois implica na concretização de um tornar-se pleno, profundo e consciente, possibilitando relacionamentos coletivos mais amplos e mais intensos, ao invés do isolamento.

Werres (2019) acredita que o mito regente do século XXI, portanto o do comportamento do homem contemporâneo, é o mito de Narciso. Levando em conta essa referência, julga-se significativo um breve resgate dessa história. De acordo com César e Melo (2007), Narciso nasceu dotado de beleza fora do comum. Essa beleza assustava sua mãe, pois temia que ele fosse arrastado para a *hýbris*, o

descomedimento. Preocupada com seu futuro, consulta um adivinho que profetiza que Narciso poderá viver muito se não se visse. Sendo assim, ele cresce e desperta as paixões das ninfas e mulheres da região, porém não se interessa por nenhuma delas.

Entre uma das apaixonadas encontra-se Eco, uma ninfa que acabara de sofrer uma maldição por parte de Hera, esposa de Zeus, por tê-lo auxiliado nos seus casos extraconjugais. A maldição consistia em nunca mais poder falar espontaneamente, estava fadada a repetir apenas os últimos sons das palavras que ouvisse. E foi dessa maneira, repetindo o que ouvia, que Eco abordou Narciso. Lastimavelmente, Narciso horripilou-se pela ninfa, que só sabia repetir palavras, e fugiu. Mesmo sendo rejeitada, Eco continuou perseguindo-o, fazendo com que Narciso aumentasse suas manifestações de desprezo (CÉSAR E MELO, 2007).

Ferida e possuída pela angústia, Eco entregou-se à sua dor. Deixou de se alimentar até definhar e transformar-se num rochedo, ainda capaz apenas de repetir os últimos sons das palavras ditas. Isso gerou indignação entre as outras ninfas, que exigiram uma correção da situação para Nêmesis, a justiça distributiva, condenando Narciso à mesma pena: amar um amor impossível, insustentável. Foi assim que Narciso se debruçou ao lago para beber água, lançou o olhar para o reflexo da água e viu sua imagem pela primeira vez. Instantaneamente se apaixonou pela imagem refletida, não foi capaz de se afastar, estava entorpecido, encantado por si mesmo e definiu até a morte (CÉSAR E MELO, 2007).

Retornando à compreensão da influência desse mito na atualidade, de acordo com Werres (2019), ele diz respeito à uma vida fechada em bolhas, restringindo-se apenas aos problemas particulares e fechando-se para a dor do outro e para a alma do mundo, tratando os outros de maneira leviana, sem refletir as consequências de tais atos. De acordo com César e Melo (2007), o mito converte-se numa metáfora para o psiquismo humano. “Falar da psique é também falar de amor. Quando se ama, investe-se o objeto de libido” (CÉSAR E MELO, 2007, p. 53).

O mito simboliza a ferida aberta por Eros, causada pela falta de relacionamento com os outros. Por não promover a união, o amor pode levar a um estado patologicamente desequilibrado, levando a um estado regressivo, desequilibrado e destrutivo da personalidade em termos de investimento libidinal e sua redistribuição (CÉSAR E MELO, 2007). Eros é o que impulsiona toda a existência humana a se realizar, mas esse tipo de ação só pode ser realizado na

relação com os outros e por meio da troca. Mesmo causando choques e comoções, Eros tenta elevar-se diante das oposições, integrar as forças opostas na mesma unidade e promover a união dos opostos (CÉSAR E MELO, 2007).

Na história de Narciso, revela-se a experiência de um amor frustrado que ficou preso em um determinado objeto (WERRES, 2019). Enquanto, na vida real, uma perda amorosa exige a passagem pelo estado de luto e um trabalho individual de elaboração dessa perda. Em certo momento o vínculo amoroso existente com o antigo objeto precisa ser desfeito, para dar lugar a novos vínculos afetivos com outras pessoas e outros objetos (CÉSAR E MELO, 2007).

Werres (2019), considera Eros como a saída para o problema de Narciso, dado que Eros é o princípio de conexão capaz de romper com a cadeia de subjetivismo e auto absorção de Narciso. Da mesma maneira “quando Eros se faz presente a alma volta a sentir novamente o fluxo da vida. É Eros quem preenche o vazio existencial e refaz a ligação entre o eu e o sagrado” (WERRES, 2019, p. 29). O problema do indivíduo contemporâneo é alienar-se de tudo que envolve conexão com as coisas ao seu redor. Essa atitude dessacralizou a vida.

Nesse sentido, Peres (2019) faz referência aos ataques expressos em manifestações políticas de rua e nas redes sociais, que intentam para a desqualificação, demonização, ridicularização, desmoralização e banalização das características puramente humanas de seus conterrâneos. Como uma clara mensagem de que a essência que fica é a pura demonstração de ódio, reforçando-se, cada vez mais, as diferenças sociais, econômicas, culturais, religiosas e, até as condições de saúde mental.

Sofrendo com a perda de figuras de referências morais básicas, com a perda da historicidade e das grandes narrativas, a população vive uma época de incertezas. Estando em um período de extremismos, com alta velocidade nas sensações de urgência, vazio e necessidades de gratificação imediata, o ser humano se encontra, psicologicamente, num mundo inflado culturalmente por exigências infantis (ROBERTO, 2019). É nessa fantasia que os deuses se apoderam das circunstâncias, a medicação surge como uma promessa do paraíso perdido cada vez mais que se intensifica a incapacidade de lidar com o sofrimento. Entre essas considerações que Roberto (2019) questiona para onde foi a capacidade de mediação das pessoas e para onde o simbólico e a alma foram, junto com a ideia de realidade e valor psíquico.

O resultado tem mostrado indivíduos que se submetem à busca incessante pelo prazer, consumo e individualismo. Perdidos no modo acelerado pelas demandas do dia a dia, encontram-se distantes de um tempo para o encontro verdadeiro, para o entendimento e para a paz. Perderam a noção do real e do limite de si mesmo e do mundo. Esse movimento da pós modernidade mostra que a coletividade está separada do mundo (ROBERTO, 2019).

Pensar que o mundo seja pobre demais para oferecer um objeto de amor às pessoas é uma concepção muito dura e penosa. Jung (2005) tem a visão de que o mundo nos dá espaço ilimitado de oportunidades e o que priva as pessoas é, na verdade, a incapacidade de amar. O mundo é interpretado como um vazio apenas para aqueles que se recusam em direcionar sua libido para os objetos externos e para as pessoas, pois é isso que torna o mundo belo e vivo para si (JUNG, 2005).

Certamente algumas pessoas experienciam uma incapacidade de se envolver amorosamente com algo fora delas mesmas. Jung (2005) reconhece que as dificuldades da vida e os obstáculos na luta pelos seus direitos oprimem o indivíduo de certa maneira, porém, essas situações podem servir como impulso para a realização de notáveis esforços. As adversidades da vida nunca serão capazes de impedir o amor, elas não são capazes de retrain a libido de maneira tão continuamente a ponto de provocarem uma neurose, assegura Jung (2005). A condição para a neurose é o conflito. Ele explica essa afirmação da seguinte maneira:

A resistência, que contrapõe seu não querer ao querer, consegue sozinha produzir a regressão, um possível ponto de partida de uma perturbação psicogênica. A resistência ao amor produz a incapacidade ao amor ou é a incapacidade que atua como resistência.

Assim como a libido é um fluxo perene que despeja suas águas na amplitude do mundo da realidade, a resistência, encarada de forma dinâmica, não é como uma rocha que se ergue acima do leito do rio, constantemente banhada e rodeada pelo fluxo das águas, mas uma correnteza contrária, que flui para a nascente ao invés de fluir para a foz. Uma parte da alma quer o objeto externo, mas a outra quer voltar ao mundo subjetivo, onde nos acenam os palácios leves e facilmente construídos da fantasia (JUNG, 2005, p.18).

A possibilidade de uma não compreensão gera uma inquietação, mas também é o elo para se sentir verdadeiramente único para o mundo. Ao apaixonar-se, o ser humano abandona seu núcleo narcisista para entrar em contato com outros aspectos de si mesmo que até então estavam ocultos (CAROTENUTO, 2018). Por isso, Carotenuto (2018) provoca quanto ao impulso de julgar os outros segundo

preconceitos coletivos e não de acordo com suas particularidades. Ele acredita que o impulso de rotular os outros negativamente deriva da dificuldade de aceitar as mesmas características em si.

Esse comportamento está ligado à necessidade de projetar experiências das quais o indivíduo possui dificuldade em confrontar nele mesmo, como um certo aspecto diabólico da própria personalidade, mas que só de maneira distante é capaz de enfrentar (CAROTENUTO, 2018). Caso não ocorra viabilidade para o ser humano reconhecer e confrontar seu lado Sombra, a tendência é de continuar projetando essas condenações, visto que é mais cômodo ou mais fácil, segundo Carotenuto (2018), demonizar os outros do que acolher dentro de si esses mesmos aspectos problemáticos.

Por essa via, Jung (2005) compreende que para solucionar esse problema do amor é preciso que haja o máximo de dedicação do indivíduo e que apenas com esforço indispensável que a libertação será possível, todo o resto é desleixo e inútil. Ainda, Jung (2005), representa essa situação ao explicar que da mesma maneira que nenhuma planta pode lutar contra a morte, também não existe uma maneira simples de facilitar as coisas difíceis, assim como a vida em si. Pode-se apenas eliminar a dificuldade por meio de gastos de energia correspondentes.

Inclusive, Jung (2005) aborda o amor livre como algo plausível somente quando todos praticarem elevados feitos morais. Acrescenta que esse termo, porém, não foi inventado com esse propósito, e sim para fazer com que as coisas difíceis pareçam fáceis. Mas amar a todos não é uma tarefa fácil, pois ao amor pertencem a profundidade e a fidelidade de sentimento, sem os quais o amor se caracterizaria apenas como humor. Ou seja, não é algo que deve ser distribuído aos quatro ventos sem o conhecimento de seu real valor. “O amor verdadeiro sempre visa ligações duradouras, responsáveis. Ele só precisa da liberdade para a escolha, não para sua implementação. Todo amor verdadeiro profundo é um sacrifício” (JUNG, 2005, p. 23).

Jung (2005) diz que onde o amor é dominante, não há vontade de poder, e onde o poder é dominante, não há amor. Um é a sombra do outro. As pessoas que se posicionam do ponto de vista de Eros possuem um oposto compensatório na vontade de poder. Mas aqueles que enfatizam o poder são compensados por Eros. A partir de uma perspectiva unilateral do posicionamento da consciência, a sombra é uma parte de menor interesse da personalidade, por isso é reprimida com forte

resistência. Mas o que é reprimido precisa se tornar consciente para que a tensão entre opostos exista, sem ela não pode haver continuidade no movimento. Em certo sentido, a consciência está acima e a sombra está abaixo, porque o que está no alto tende para as profundezas, do quente para o frio, então toda consciência, talvez sem estar ciente disso, está procurando seu oposto inconsciente. Sem seu lado oposto, ela está destinada a estagnar ou petrificar. Somente na situação oposta a vida brilhará (JUNG, 2005).

Portanto, Werres (2019) expõe que para o exercício do amor, as duas pessoas envolvidas devem estar dispostas a enfrentar seus medos e desafios de não possuir o controle da situação, para que possam desenvolver as habilidades da alteridade que até então encontram-se perdidas. Werres (2019) reforça o quanto Jung enfatizou a importância do outro no processo de individuação. Pois só a partir dos outros que é possível compreender a si mesmo, o outro é primordial para viver a alma.

4.2 A INDIVIDUAÇÃO APLICADA EM MOVIMENTOS COLETIVOS

O movimento rumo à individuação pode ser percebido pelas pessoas, a priori, como algo destrutivo e maléfico, tanto a ação de separação (*separatio*) quanto a de síntese (*coniunctio*). De maneira geral, Stein (2020) explica: toda vez que dois ou mais grupos, de comportamentos distintos, se polarizam quanto aos seus valores, crenças e percepções de mundo; surge, então, um potencial para a individuação cultural. Onde a dinâmica de *separatio* e *coniunctio* fazem parte desse processo.

Torna-se fundamental compreender de que maneira uma nação se originou para perceber aonde se encontra sua parte sombra e como as ações do passado implicam nos movimentos futuros. Na região das Américas, os europeus chegaram, invadiram e conquistaram os territórios a partir do extermínio dos povos originários. Essa é a herança ancestral para um espaço chamado de pátria, o lar dos brasileiros e outros povos latinos (STEIN, 2020).

A sombra da agressividade e busca de posse de um título permeia a região. E, por ocupar uma terra que foi confiscada dos ocupantes originais, o elemento de culpa consciente ou inconsciente também se faz presente pela identidade de todos os indivíduos que se reconhecem como “americanos”. Os povos nativos remanescentes permanecem hoje como um lembrete desse passado perverso e a

negação dessa história equivale à repressão cultural da sombra coletiva (STEIN, 2020). Para Jung (2000), é uma pura futilidade negar o passado e buscar ter consciência apenas do presente. Pondera que o hoje só encontra significado quando se relaciona com o ontem e o amanhã, tendo em vista que o hoje é um processo, uma transição que se afasta do passado e se encaminha para o futuro.

Mesmo diante das polarizações que o Brasil tem sofrido, a história de origem da população é a mesma, equiparando-se a uma família extensa que se encontrou com divergências. Assim como os membros de uma família tendem a se amar e se odiar, fazem comparações a respeito do caráter e peculiaridades do outro. A rivalidade existente, mesmo que com reivindicações separadas, compartilham da mesma cultura e historicidade, seja para o bem ou para o mal. Os processos de individuação dos grupos estão entrelaçados (STEIN, 2020).

Apenas a partir da análise da projeção das imagens sobre o outro grupo que pode haver a individuação, é preciso fazer consciência em cada lado, estimulando ambos os grupos em direção à assimilação e integração dos conteúdos projetados. Este movimento é que poderá proporcionar um avanço na melhora das relações entre os dois lados (STEIN, 2020). No Brasil, é perceptível o quanto o mal é projetado no outro, o líder da oposição que é responsável por todos os males da nação e do povo.

Stein (2020) relembra que Jung alerta para a facilidade com que os movimentos coletivos podem arruinar a distintividade, a homogeneidade predomina e leva o indivíduo a perda da alma, no sentido de uma regressão psicológica severa em que o coletivo engole a identidade da pessoa individual. Jung (2000) interpreta esse movimento da consciência moderna como consequência das catástrofes das guerras mundiais, o que resultou num abalo moral da fé em si mesmo e da própria bondade.

Antigamente os estrangeiros eram considerados os malfeitores do aspecto moral e político, mas a tarefa de hoje é reconhecer que cada pessoa carrega dentro de si os mesmos traços de moral e política (JUNG, 2000). O exemplo de desenvolvimento e transformação do que se deseja deve começar por si. Em outras palavras, Jung (2000, p. 80) informa que “em tempos passados eu achava que era dever meu, imposto por Deus, chamar os outros à ordem, sei agora que também eu devo ser chamado à ordem e que seria bem melhor arrumar primeiro a minha própria casa”.

Momentos de caos e incerteza são comuns na jornada psicológica rumo a uma nova integração e ampliação da consciência. Durante o processo de individuação é necessário que cada um faça um exame das próprias certezas culturais que valoriza e das convicções que sustenta com tamanha devoção. É fundamental abrir-se para o desconhecido, dispor-se a dialogar com o outro e desfazer-se de identificações anteriores. A política que se baseia no modelo de individuação abarca as diferenças sem demonizá-las e nem as julgar como más apenas porque são diferentes (STEIN, 2020).

Jung (2000) critica a mania daqueles que se consideram grandes conhecedores do bem e do mal e corrige essa atribuição como uma competência que cabe apenas aos deuses. Agir como se tivesse certeza é o mesmo que se comportar como um deus. O bem e o mal são princípios de juízo ético, mas os princípios são aspectos de Deus. Jung (2000, p. 184) dá o exemplo de uma situação:

Se me chocar com uma situação ou acontecimento paradoxais in excessu affectus, numa situação de transtorno emocional excessivo, então me choco em última análise com um aspecto de Deus que não consigo julgar e dominar logicamente porque é mais forte do que eu, porque possui caráter numinoso e eu me encontro com o tremendo e o fascinante. Não posso "dominar" um numinoso, apenas manter-me disponível a fim de ser dominado por ele, confiando em seu significado. Um princípio é sempre algo superior, mais forte do que eu.

Para Edinger (2008), o par de opostos mais crítico e assustador é o do bem e do mal. Ele informa que a sobrevivência do ego depende da relação com esse problema. Pois é fundamental para a sua sobrevivência que a pessoa se sinta mais boa do que má. O lado bom deve ter mais peso do que o lado ruim, pois um ego jovem não pode suportar muitas experiências de sua própria maldade sem sucumbir a uma total desmoralização.

Essa é a mesma razão para outro fenômeno comum que Edinger (2008) chama como o processo de alocar o mal. O mal precisa ser fixado e estabelecido ocupando uma posição específica, para quando algo ruim acontecer, a culpa ou a responsabilidade serem estabelecidas o tanto quanto possível nesse local. Edinger (2008) declara que é extremamente perigoso deixar que o mal vague livremente. Alguém deve carregar pessoalmente o fardo do mal. No entanto, conforme o ego amadurece, essa situação muda e o indivíduo torna-se apto de assumir a tarefa de ser portador do mal. Conforme ele ganha capacidade para reconhecer o seu próprio mal, ele carrega em si os opostos, contribuindo para a criação da *coniunctio*.

Quando habilitado para tal tarefa, o sujeito pode aliviar-se ao encontrar tanto mal dentro das profundezas da própria psique, pois, pelo menos, conseguiu encontrar a causa de todo o mal que existe na humanidade (JUNG, 2000). Parece que ao descobrir que tudo faz parte da nossa psique, o ser humano possui capacidade de controlar seus conteúdos ou reprimi-los. Se isso fosse possível uma grande parte do mal poderia ser eliminada do mundo externo, e se o conhecimento do inconsciente se popularizasse, a grande mídia conseguiria perceber quando uma figura pública está agindo por razões inconscientes e aconselhá-lo a fazer terapia (JUNG, 2000).

Esse é um exemplo que Jung (2000) deu para mostrar uma solução baseada na ilusão por quem acredita que tudo no inconsciente pode ser manejado à vontade, quando não é este o caso. A psique de um povo possui uma configuração mais complexa do que a psique individual, ao mesmo tempo que a psique individual é também uma coletividade. Jung (2000, p. 85) conclui que “de alguma forma somos parte de uma psique única e abrangente, de um homem singular e imenso”.

Além disso, a individuação é um processo de desenvolvimento psicológico não linear. As fronteiras e limites que separam um grupo do outro são também necessárias para o funcionamento da consciência individual. Deve-se atentar quanto a criação de fronteiras rígidas demais, elas causam problemas porque agem como viseiras e podem levar a limitações severas quanto ao sentimento e à imaginação. Enquanto que a individuação só ocorre em um espaço flexível, pois a interação com o outro é essencial (STEIN, 2020).

São as cercas que possibilitam a existência de vizinhos, mas a pessoa também precisa ter conhecimento de si para interagir de maneira apropriada com o vizinho. Hermes simboliza, nesta situação, o paradoxo da fixação e transposição de fronteiras. Dado que sem fronteiras não há relações objetivas, mas sem relações não há movimento. Hermes abrange, portanto, muitas nuances dentro desse espaço psíquico, e de maneira apropriada é intitulado o deus das transformações (STEIN, 2020).

4.3 A CONIUNCTIO COMO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Em sua obra, Edinger (2008) busca facilitar a compreensão da obra “*Mysterium Coniunctionis*” de Jung. Nele, Jung faz uma investigação sobre a separação e síntese dos opostos psíquicos através da alquimia. Edinger (2008) justifica a importância da base alquímica como oportunizadora de uma percepção única das profundezas da psique inconsciente, trazendo uma compreensão que nenhum outro conjunto de símbolos é capaz de prover da mesma maneira. Inclusive, Jung já estabelecia conformidades das imagens alquímicas com os conteúdos que surgem nos sonhos.

Edinger (2008) classificou essa obra como uma bíblia da psique, não indicando como uma leitura ininterrupta do início ao fim, mas como um material de consulta a fim de compreender e amplificar uma imagem particular. Do mesmo modo, Edinger (2008) considera essa composição análoga a um livro de anatomia da psique, exemplificando com o primeiro parágrafo de *Mysterium Coniunctionis*:

Os fatores que se reúnem na *coniunctio* são concebidos como opostos, seja confrontando-se na hostilidade ou atraindo-se no amor. Para começar, eles formam um dualismo; por exemplo, os opostos são: úmido/seco, frio/quente, acima/abaixo, espírito-alma/corpo, céu/terra, fogo/água, claro/escuro, ativo/passivo, volátil/sólido, caro/barato, bem/mal, exposto/oculto, Leste/Oeste, vivo/morto, masculino/feminino, Sol/Lua. Com frequência, a polaridade é organizada como uma quaternidade, com os dois opostos cruzando-se, como, por exemplo, os quatro elementos ou as quatro qualidades (úmido, seco, frio, quente), ou as quatro direções e estações, produzindo assim a cruz como um emblema dos quatro elementos e símbolo do mundo físico sublunar (JUNG, [1955] *apud* EDINGER, 2008, p. 11).

Portanto, da mesma maneira de que não se entende um estudo da anatomia humana sem conhecimento empírico de dissecação, é preciso haver alguma experiência da psique para obter algum grau de compreensão da *coniunctio* (EDINGER, 2008). Dentro da anatomia da psique, os opostos são a constituição mais básica. A polarização dos opostos ocasiona no fluxo da libido, ou energia psíquica, de modo que o sentimento de atração ou repulsão por algum objeto é derivado desse drama entre os opostos. Por conseguinte, “os opostos são realmente o dínamo da psique. Eles são o motor, são o que mantém a psique ativa” (EDINGER, 2008, p. 13).

Apesar de ser um aspecto importante no desenvolvimento do ego, o ato de dizer “não” resulta na criação da sombra. Dentro de um tempo essa sombra deverá

ser redescoberta como uma realidade interior, para enfim confrontar o problema dos opostos que fora posto de lado anteriormente (EDINGER, 2008). A partir da observação de onde se encontra os afetos e aversões individuais, independente de qual lado dessa dicotomia estejam, são partes que nos pertencem. São espaços em que a libido está sendo depositada, investida, independentemente de ser uma posição a favor ou contra (EDINGER, 2008).

A menos que desejemos ser feitos de tolos por nossas ilusões, devemos, através de uma análise cuidadosa de cada fascinação, extrair dela uma parte da nossa própria personalidade, como uma quintessência, e lentamente reconhecer que encontramos a nós mesmos, de novo e de novo, em milhares de disfarces no caminho da vida (JUNG, [ano] *apud* EDINGER, 2008, p. 21).

A *coniunctio* é o objetivo do processo, é a substância criada pelo procedimento alquímico quando finalmente encontra-se êxito na união dos opostos. Esse é um evento misterioso e transcendente, dentro da literatura existem outros nomes para relatar a mesma experiência. Dentre elas encontra-se a Pedra Filosofal, conhecida por possuir um corpo milagroso e incorruptível, capaz de multiplicar a si mesmo e transformar matéria comum em matéria nobre. Outro termo é chamado de *filius philosophorum*, traduzido como o filho dos filósofos, uma figura identificada como um salvador do mundo (EDINGER, 2008).

Contudo, Edinger (2008), prefere utilizar o termo consciência eterna ou transpessoal, levando em consideração que esse termo não desperta à mente uma imagem oposta, de outro modo sugere uma inclusão dos opostos temporal e não temporal, do pessoal e não pessoal. Dessa maneira que Edinger (2008) conclui que a *coniunctio* significa consciência. Como também constata que a consciência é tanto causa quanto efeito da *coniunctio* e justifica que ela tem necessidade de ser definida paradoxalmente porque ela é um produto de ambos os centros da psique: o ego e o Self.

A consciência necessita, portanto, sincronicamente, da experiência dos opostos e da aceitação da mesma, e quanto maior o grau de aceitação, maior a consciência (EDINGER, 2008). Conforme o indivíduo se torna consciente de seus opostos, melhor conseguirá carregar sua própria carga de escuridão e deixará de projetar sua sombra sobre os outros. Pessoas que possuem essa percepção interna tiveram um contato com a *coniunctio*, independente que tenha sido num grau maior ou menor (EDINGER, 2008).

Edinger (2008), acredita que a sociedade se redimirá quando houver um efeito cumulativo de indivíduos portadores dos opostos. Apenas quando um número suficiente de pessoas adquirirem uma consciência da totalidade é que o mundo também se tornará um todo. Jung ([1964] *apud* Edinger, 2008), reconhece que a sociedade regenerar-se-á apenas quando o indivíduo estiver regenerado em espírito, pois a sociedade é a soma total dos indivíduos em necessidade de redenção. Portanto, Edinger (2008) crê que antes de querer transformar o mundo, cada um busque transformar a si mesmo por completo, a não ser que o destino e trabalho de uma pessoa seja lidar com a realidade política.

A *coniunctio* é uma experiência de fenômeno cíclico que pode ser explicada a partir da interpretação das figuras do *Rosarium*, composta por dez ilustrações que descrevem as fases dentro do processo da *coniunctio* e que podem ser consideradas como uma sequência de eventos psicológicos capazes de repetição, ao invés de um evento único e isolado (EDINGER, 2008).

Edinger (2008), clarifica que o padrão das figuras do *Rosarium* representa de maneira simbólica os estágios de um processo dinâmico na psique objetiva, por isso elas possuem a capacidade de irradiar uma multiplicidade de significados. Dentro dessas possibilidades o autor considera três contextos psicológicos principais: o processo da psique individual, o processo entre duas pessoas como uma relação e o processo coletivo que ocorre em grupos ou comunidades, não dizendo respeito ao lado pessoal e sim ao drama coletivo maior.

Figura 1 - A fonte mandálica

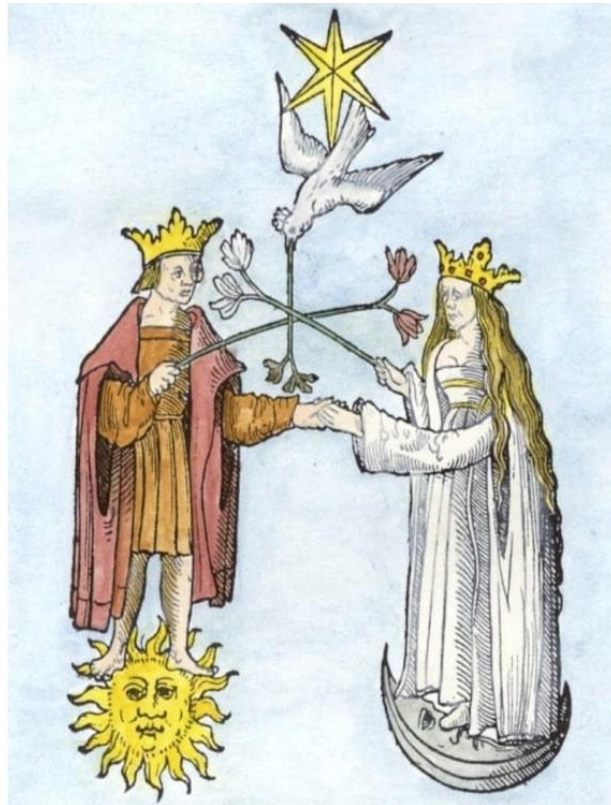


Fonte: Google Imagens¹

A primeira imagem se refere à fonte mandálica e representa tanto a *prima matéria* quanto a *ultima matéria*, ou seja, ela pode relacionar-se tanto ao final do processo quanto ao começo. Simboliza as ambas extremidades do processo da *coniunctio* e também retrata, psicologicamente, o fundamento da psique antes do nascimento do ego (EDINGER, 2008).

¹ Disponível em: <https://bityli.com/uA0B05>. Acesso em: 09 out. 2021.

Figura 2 - Surgimento dos opostos



Fonte: Google Imagens²

Esta figura faz alusão à separação do ato original da criação, responsável por separar a luz das trevas. Enquanto na primeira imagem havia uma mistura composta e confusa de coisas, essa retrata uma intervenção divina que gera a divisão entre a terra e o céu; neste caso, o sol da lua (EDINGER, 2008).

Sob um ponto de vista individual, essa fase representa o momento inicial em que a pessoa pode ser tomada por um afeto positivo ou negativo. O significado não é muito diferente quando visto como um processo dual, um movimento em direção ao outro pode ser suscitado tanto por amor quanto por ódio. Porém, quando visto pela ótica coletiva, Edinger (2008) enxerga como um momento que motiva dois grupos a se confrontarem, quase sempre, motivados por uma inimizade. Ele vê que o primeiro encontro desse processo coletivo é caracterizado com a intenção de destruir o oponente como um impulso inconsciente pela *coniunctio*. Ou seja, toda tentativa de aniquilar o outro deriva do desejo de restabelecer a unidade.

² Disponível em: <https://bityli.com/UVNfO5>. Acesso em: 09 out. 2021.

Figura 3 - Despidos para a ação

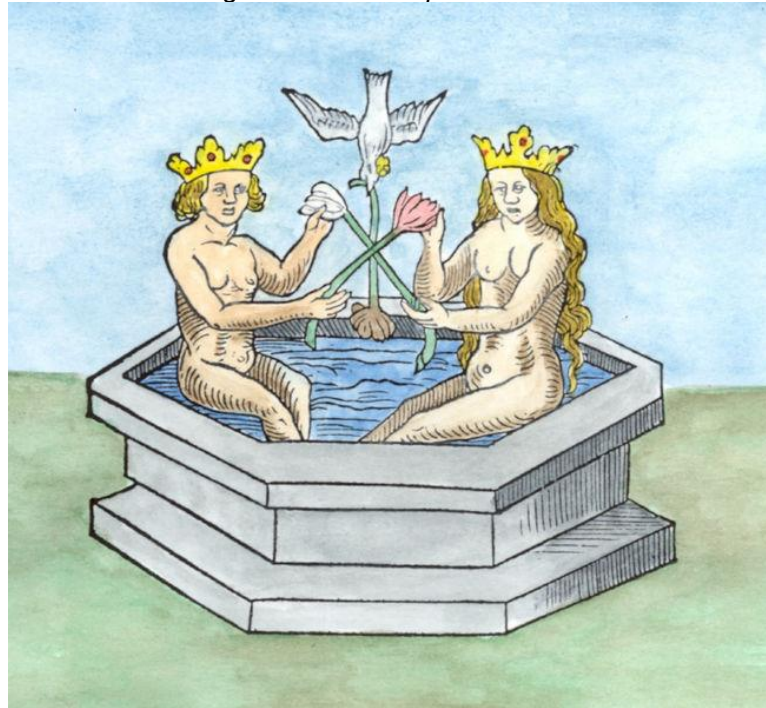


Fonte: Google Imagens³

Uma das diferenças entre essa figura e a anterior é que o casal está sem roupas, dentro de uma relação isso pode sugerir o momento em que as duas pessoas do relacionamento se aproximam do que Jung ([1954] *apud* EDINGER, 2008, p. 63) chama de “a verdade nua”, é o início de uma intimidade psicológica. Na questão individual ela reflete quando os opostos foram constelados e conscientemente envolvidos, agora a pessoa dispõe de um compromisso para perseguir algum objeto desejado. Dentro de uma coletividade, esse momento pode estar ligado à finalização da polidez entre dois grupos, cada um começa a revelar abertamente sua inimizade e a perspectiva de guerra começa a crescer.

³ Disponível em: <https://bityli.com/mjAwSV>. Acesso em: 09 out. 2021.

Figura 4 - Descida para o banho



Fonte: Google Imagens⁴

Nesse momento o casal se encontra em uma bacia com água, um momento correspondente com a *solutio*, uma dissolução. De acordo com Edinger (2008), a *solutio* exerce a descida para o inconsciente com o objetivo de dissolver a estrutura sólida e ordenada do ego. A imagem também representa a *participation mystique*, um estado de fusão ou de identificação mútua.

O efeito na vida de um casal, em que o processo para na figura 4, é aquele em que a totalidade reside no par e não em cada indivíduo. Quando isso ocorre em um casamento, um morre e após pouco tempo o outro também padece. Mas no que se refere ao processo coletivo, esse é o momento em que a guerra é declarada. Edinger (2008), acredita que se o destino coloca alguém numa posição em que a *coniunctio* está se manifestando dentro de um vaso de guerra, o indivíduo deve apenas se submeter a isso.

⁴ Disponível em: <https://bityli.com/ySsvgQ>. Acesso em: 09 out. 2021.

Figura 5 - União, a manifestação do mistério



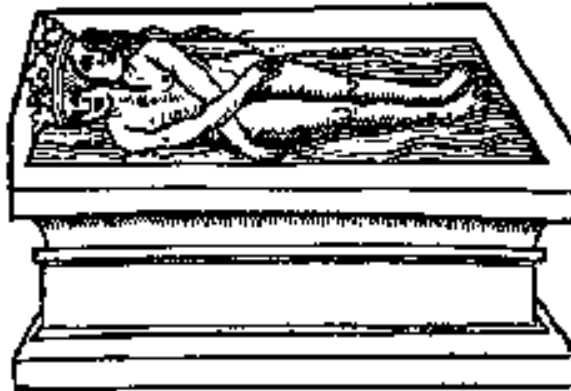
Fonte: Google Imagens⁵

Nesse momento as personagens da figura estão completamente mergulhadas na fonte, mas na realidade esse é um momento em que não é possível ver o que está acontecendo, uma janela foi recortada de modo que se torna possível espiar o que ocorre dentro da água. Porém, Edinger (2008, p. 73) afirma que “é uma violação do mistério sagrado ter essa visão das profundezas”. Esse estágio não é vivido de modo consciente, ele é experimentado, mas não é reconhecido.

Edinger (2008) informa que após passar pelo estágio da figura 5, as pessoas tendem a voltar para a figura 1, pelo fato de a consciência não expandir somente porque o objeto de desejo foi enlaçado. Muitas vezes isso é o suficiente para trazer satisfação individual e por isso a pessoa cessa a busca de uma evolução. Sob a ótica da coletividade, a figura se refere ao momento em que os grupos antagonistas se juntaram num abraço fatal, isto é, a guerra está ocorrendo e as consequências serão determinadas pelo combate.

⁵ Disponível em: <https://bityli.com/a8Dw9B>. Acesso em: 10 out. 2021.

Figura 6 - Na tumba



Fonte: Google Imagens⁶

Agora sobre uma mesa mortuária, os corpos se unificaram. Edinger (2008), interpreta esse momento como o efeito de ter passado pela figura 5: a morte psicológica. O insight do processo anterior pode matar, relacionando essa situação à imagem da *mortificatio*.

Ela representa a morte do ego subjugado pelo encontro com o Self. Isto é, o tipo de coisa que pode acontecer se o ego está completamente identificado com um lado do par de opostos. Então, quando a união acontece, o ego experiencia o destino dos opostos unidos: os opostos morrem no curso de dar à luz uma totalidade superior que transcende a ambos e, se o ego estiver identificado com uma dessas partes, ele vai compartilhar essa experiência de morte (EDINGER, 2008, p. 82).

Em outras palavras, esse momento pode estar relacionado com a queda de uma projeção. Se o vínculo com o objeto for muito forte, toda a energia até então disposta se esvai, podendo ser alocada para outra área, onde será redescoberta internamente (EDINGER, 2008). Dentro de uma relação, esse pode ser um momento em que as partes descobriram que estavam fundidas com seu parceiro, e que, portanto, perderam a sua identidade. Isso é vivido como uma morte. Apenas ao se dar conta disso que o processo pode continuar para as imagens seguintes.

Considerando o processo no coletivo, Edinger (2008) assume que a guerra entre os grupos encerrou. Certamente um lado saiu vitorioso enquanto o outro foi derrotado. A tendência é que a experiência da derrota seja sentida pelos dois lados, mesmo que o lado perdedor sinta mais rapidamente, ele frequentemente se levanta a um nível de desenvolvimento coletivo superior à divisão vencedora.

⁶ Disponível em: <https://bityli.com/kVXNUW>. Acesso em: 10 out. 2021.

Desse ponto em diante, Edinger (2008) encerra suas interpretações para os processos duais e coletivos, por acreditar que elas se exaurem na figura 6 e continua apenas como um processo interior a um indivíduo.

Figura 7 - Separação da alma

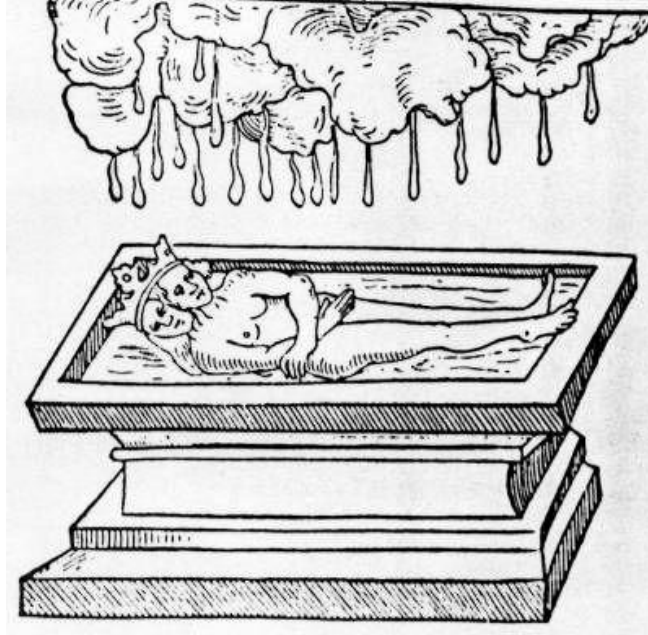


Fonte: Google Imagens⁷

A figura em ascensão representa a alma separando-se do corpo e corresponde, psicologicamente, ao rompimento de uma projeção. Quando uma parte da psique morre, um pedaço pertencente à pessoa morre junto. Edinger (2008) descreve que o trabalho agora é recuperar de volta esse pedaço da psique que estava projetado. É nesse estágio que as afeições corporais são contidas, para, na sequência, tudo o que foi necessário dissociar ser reintegrado num novo nível de consciência.

⁷ Disponível em: <https://bityli.com/Kpd5gj>. Acesso em: 10 out. 2021.

Figura 8 - As gotas do orvalho de Gedeão caem da nuvem



Fonte: Google Imagens⁸

Essa imagem traz claramente o mito de Gedeão, da mesma maneira que os sonhos fazem menção ao mito que algum indivíduo em particular possa estar vivendo. Edinger (2008) traz a interpretação de Jung para essa figura como um sinal de intervenção divina, onde a umidade é quem anuncia o retorno da alma. O orvalho expressa a sincronicidade, uma espécie de epifania. O termo alquímico usado para descrever essa fase do processo é *mundificatio*, que significa purificação.

Pensando no corpo como um símbolo psicológico, essa fase se refere ao processo de purificação do ego em virtude do seu contato e contaminação com o inconsciente. Da mesma maneira, faz-se necessário dissolver a identidade ego-Self de forma que o ego não permaneça contaminado pelo homem eterno, é preciso que haja uma distinção entre eles (EDINGER, 2008).

⁸ Disponível em: <https://bityli.com/uysOa4>. Acesso em: 11 out. 2021

Figura 9 - Reunião da alma e corpo

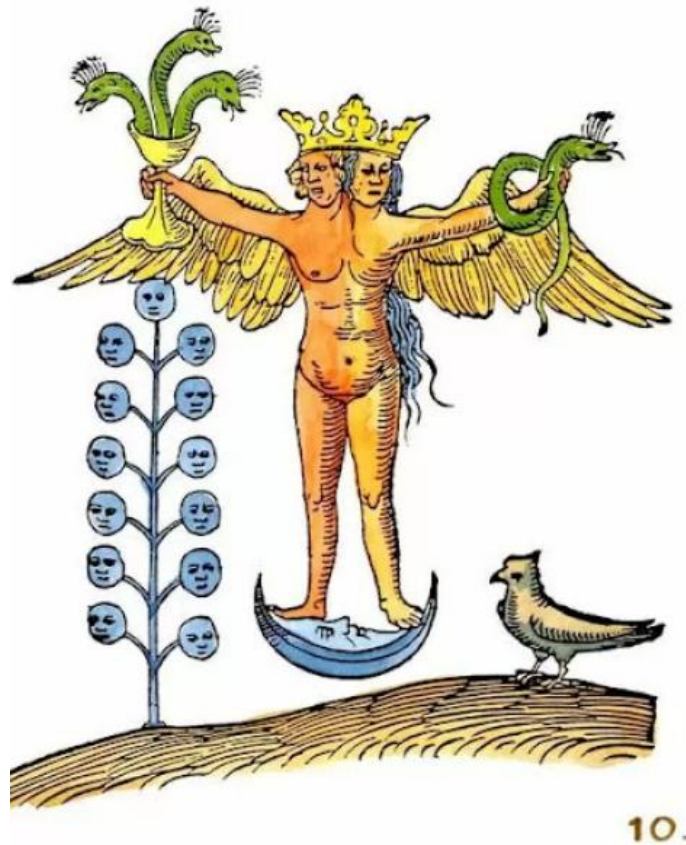


Fonte: Google Imagens⁹

A ideia que essa imagem traz é de que é seguro voltar para o corpo porque ele foi purificado. Junto à figura, um texto descreve que o corpo morto que repousa na mesa mortuária é a cinza que foi sujeita à *calcinatio*. O produto final das cinzas é interpretado pelos alquimistas como “a terra branca folheada”, que corresponde ao corpo purificado, representando o objetivo total da existência terrena. Essa experiência é sentida como misteriosa por Edinger (2008), assim como as 5 imagens finais do processo da *coniunctio*, que devem ser assimiladas de maneira bastante especulativas.

⁹ Disponível em: <https://bityli.com/iKjytW>. Acesso em: 11 out. 2021,

Figura 10 - Ressureição do corpo unido eterno



Fonte: Google Imagens¹⁰

O corpo unido agora, na presença de outros símbolos faz com que a interpretação precise, também, ser simbólica, pois Edinger (2008) acredita que está além da capacidade humana compreender por completo ao que a imagem se refere. Esse é o estágio de *unus mundus*, uma espécie de união cósmica. As cobras no cálice sugerem que a psique reptiliana fez uma conexão tão viva com a consciência que a fez passar por uma transformação.

Edinger (2008), vê a figura 10 como o momento em que a psique dispõe de uma posição não temporal ou eterna. A expressão de um produto do ego que experienciou o processo de individuação. Dentro da terminologia alquímica, esse processo faz referência à *multiplicatio*, um aspecto da Pedra Filosofal. Edinger (2008) esclarece que se um indivíduo realizar, de alguma maneira, uma relação com o Self, essa relação tende a ser contagiosa, de afetar outras pessoas e se multiplicar. Mas para isso ocorrer, é necessário encontrar outra matéria que esteja aberta para receber.

¹⁰ Disponível em: <https://bitly.com/UASmAx>. Acesso em: 11 out. 2021.

4.4 O MITO DE EROS E PSIQUÊ EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE

Apesar da enorme abrangência para a interpretação do mito, foi preferível se restringir com foco nas compreensões que estejam ligadas ao tema do presente trabalho. Seguindo a linha cronológica da narrativa, o início da relação de Psiquê com Eros é marcada pela apresentação de um paraíso, e, assim como todo paraíso possui uma serpente, a felicidade de Psiquê é ameaçada pela inveja das irmãs. As irmãs também representam a escravidão do feminino no patriarcado, pois sentem-se apenas serviçais dos maridos, detestam ocupar o lugar de mãe e de enfermeira no casamento, ao mesmo tempo que nutrem o ódio pelos seus maridos, uma postura típica do matriarcado (NEUMANN, 1993).

É nesse sentido que as irmãs tentam despertar em Psiquê o mesmo ódio inconsciente e matriarcal pelos homens, levando-a ao conflito de odiar o monstro com quem está casada, mas amar o marido. Psiquê vivia num paraíso inconsciente, até as irmãs despertarem outro aspecto também inconsciente: sua sombra, um conflito íntimo. Desconsiderando a intriga das irmãs, é possível enxergar a verdadeira função delas. Apesar da forma negativa e antimasculina, foram elas quem impulsionaram a caçula rumo ao início de uma conscientização feminina, caso contrário, a vida de Psiquê continuaria sendo marcada por uma vida nas sombras, apenas servindo ao marido através do sexo (NEUMANN, 1993).

Ao partir para a tentativa de matar o marido, Psiquê se depara com sua verdadeira face e descobre que a dicotomia entre monstro e marido não existe mais, reconhece Eros como um deus que reúne em si mesmo o inferior e superior. Agora conscientizada sofre uma transformação, é afetada pelo amor ao se machucar com a flecha de Eros. Ela deixa de ser a moça infantil e ingênua, e, inevitavelmente, perde o marido. No momento em que se apaixona por Eros, ela o perde, ou seja, ao surgir um Eros interior e novo, ela perde o Eros invisível que dormia ao seu lado. Uma forma mais adulta de Eros surge ao mesmo tempo em que Psiquê se torna consciente, quando cresce e deixa de ser infantil (NEUMANN, 1993)

Segundo Neumann (1993), Psiquê e Eros tem de se enfrentar como iguais, e para que isso fosse possível era necessário ocorrer uma separação. Antes, encontravam-se numa união urobórica no escuro, mas a partir do ato heroico de Psiquê, ela expulsa Eros e a si mesma do paraíso da inconsciência urobórica

original. Pois, se dependesse de Eros, tudo se manteria oculto, em segredo, escondido de sua mãe, Afrodite. Esse romance não era para ser diferente dos casos extraconjugais costumeiros dos deuses gregos, longe das opiniões públicas.

Porém, ao romper com a *participation mystique*, os dois são lançados no destino da separação, que é a consciência. “O amor como expressão da totalidade do feminino não acontece nas trevas, como um processo simplesmente inconsciente; um encontro legítimo com o outro envolve a consciência, a despeito da separação e do sofrimento” (NEUMANN, 1993, p. 70). Apesar de toda a dor, a ação de Psique é voltada para a individuação, sua personalidade agora é experimentada na relação com o outro e não somente como uma personalidade unida ao parceiro. Ela se fere com a flecha e fere Eros com o óleo, através da lesão de ambos que se desfaz o vínculo inconsciente original que os atava. Gerando a oportunidade de se estabelecer um novo encontro, onde o sentido é o amor entre os dois.

Nesse instante, Neumann (1993) compara as formas de nascimento de Afrodite com o de Psiquê, enquanto a primeira nasceu da união do céu com o mar, a segunda nasceu da união do céu com a terra. Compreende-se o mar como a morada de todo o anonimato: o inconsciente coletivo. Ao mesmo tempo em que é a união do que está em cima e do que está embaixo, como uma representação geral e anônima da força masculina e feminina. Psiquê, por outro lado, vem da união com a terra, representando uma forma terrena mais elevada e realiza a mesma convergência de opostos nesse plano mais alto, um terreno-humano.

Neumann (1993) reconhece o plano terreno-humano como o sentido do princípio da individuação. Portanto, Psiquê surge como uma nova premissa de amor, transformando em uma psicologia do encontro, cessando os costumes de amor por amor, incluindo o sofrimento e a separação como condições necessárias para alcançar uma concretização de vida. Em vista disso, Psiquê rompe com o preceito mitológico de amor personificado por Afrodite e precisa conquistar seu amante, desenvolver o amor dentro de si. Para isso precisa transformar Eros num amante humano, e resgatá-lo da esfera transpessoal da Grande Mãe. Por essa razão é necessário descobrir se Psiquê é mais forte que Afrodite, para ter êxito em seu propósito.

Nesse momento da história, Afrodite regride à condição de Mãe Terrível, ou a mesma que a madrasta e a bruxa dos contos de fada. Neumann (1993), explica que foi necessário ela tomar essa posição de regressão porque Psiquê equivale à um

ego ativo que ousa desafiar as forças transpessoais, tentando enfraquecê-la. A princípio os desafios de Afrodite parecem ser meros obstáculos de raiva e hostilidade a fim de destruí-la. Somente com o conselho de Pã é que as tarefas desordenadas de Afrodite passam a ter um sentido novo com o objetivo de encontro a Eros.

Neumann (1993), acredita que Eros desaparece, no início, porque Psiquê não possuía a capacidade de reconhecer o que ele realmente era e isso se evidencia quando ela apresenta dificuldade no cumprimento das tarefas. Conforme os eventos desenrolam-se, Eros vai revelando sua identidade aos poucos. Sua manifestação depende do progresso de Psiquê, é através e junto dela que ele se transforma. A cada desafio realizado Psiquê se encontra com uma nova categoria da realidade de Eros.

Em seu último desafio, Psiquê é possuída pelo sono da morte que fora profetizado pelo oráculo, mas que acabou sendo postergado pelo encontro com Eros. Johnson (1987), percebe esse momento como uma analogia à morte psicológica, a passagem de um nível de evolução a outro. À cada tarefa concluída, Psiquê obtinha uma consciência mais ampla, até que teve de confrontar-se com o trabalho da individuação. Para isso, foi necessário adentrar a região do Hades, do inconsciente, que só pode ser realizado após um domínio suficiente da função consciente.

Ao tentar ficar com o unguento de beleza para si, Johnson (1987) relaciona como um desejo de regressão à velha consciência, e isto resultou em sua morte. Esta falha no processo de individuação mostra que a existência de fracasso e sucesso se faz necessário para que uma vida seja plena, essa falha é responsável por recordar da humanidade de Psiquê. É o erro que a leva para a vitória, pois nesse ponto Eros corre para socorrê-la e a traz de volta a vida.

Nesse instante Hermes leva Psiquê até o Olimpo para, merecidamente, receber a imortalidade, unindo-se eternamente com Eros. É um ponto da história em que Neumann (1993) relaciona a retirada de Hermes da origem primordial mítica, para demonstrar sua característica hermética como guia de almas femininas. A acolhida de Psiquê como esposa de Eros mostra como se dava o desenvolvimento feminino e humano da época. Neumann (1993, p. 107) resume este processo da seguinte maneira: “do ponto de vista feminino, isso significa que a capacidade

individual de amar e a força da alma são divinas, e que o caminho da transformação do amor é um mistério que diviniza”.

Quando Psiquê dá à luz a sua filha, chamam-na de Volúpia: uma criança divina originada da mais elevada união mística. Seu nascimento também é uma das muitas experiências do processo de individuação, segundo Neumann (1993). Apesar de Psiquê e Volúpia serem do sexo feminino, o mito não se limita à experiência feminina de individuação. Volúpia representa algo que transcende o psíquico, uma situação que se constelou na união da Psiquê humana com seu parceiro divino.

Não é possível apresentar neste ponto a diferença psicológica entre o arquétipo psíquico da alma do homem e o self feminino da mulher. Algumas sugestões devem bastar. Não é por acaso que se fala de uma "alma" masculina e feminina, e também não é por acaso que se define como "psique" a psicologia analítica formada pela totalidade do consciente e do inconsciente. A psique como totalidade da personalidade, tanto no homem como na mulher, é caracterizada como feminina na sua experiência de transcendência psíquica, que ela capta como "exterior" e "estranhamente numinosa". Pela mesma razão, a mandala que surge como a totalidade da psique masculina e feminina contém em si mesma um simbolismo feminino, pois é círculo ou roda ou, uroboricamente, contém os dois polos opostos (NEUMANN, 1993, p. 110-111).

Johnson (1987), faz alusão ao quanto os deuses temem as flechas de Eros, pois estas podem levar a confusão a mais alta hierarquia dos deuses. Os próprios deuses são vulneráveis a esse sentimento, tanto que o próprio Eros acaba se apaixonando. O que ocorre com Psiquê é um caso sério, pois ela é a primeira mortal a encarar diretamente um deus e conseguir sobreviver, antes dela os seres humanos que tentavam tal honraria eram destruídos pela energia desse encontro. A partir do ponto de vista psicológico, o encontro de Eros e Psiquê desencadeia na evolução da humanidade, a capacidade de suportar uma experiência arquetípica e sobreviver a ela (JOHNSON, 1987).

Com o mesmo discernimento, Neumann (1993) afirma que todos os recursos para cumprir os desafios de Afrodite partiram da própria Psiquê em prol de sua transformação, enquanto Eros estava ferido na casa da mãe.

A força interior de Psiquê é tão grande, sua capacidade de integração, conquistada graças aos seus sofrimentos e ao amor, é tão forte, que ela tem capacidade para enfrentar a força desintegradora dos arquétipos e pode permanecer diante deles de "igual para igual". Mas tudo isso não acontece como uma oposição masculina prometeica ao divino, mas num arrebatamento apaixonado erótico divino, que mostra estar mais profundamente ligado ao centro do divino do que a forma de manifestação afrodítica dessa própria divindade. [...] A deificação de Psiquê significa que o princípio humano pode enfrentar o divino em igualdade de condições, mas a união eterna da deusa Psiquê com o deus Eros confirma que essa ligação

do humano com o divino não só é eterna, mas também possui em si mesma a qualidade divina (NEUMANN, 1993, p. 112).

Ser tocado por emoções divinas corresponde a uma consciência ampla o suficiente para captar uma compreensão divina. Quando a força de um arquétipo age dentro de um indivíduo, é preciso reconhecer dentro de si a força de um deus, assim como os gregos se referiam aos arquétipos como se fossem deuses (JOHNSON, 1987). Uma vez que esse toque divino ocorre, uma vez que o amor entra em ação, jamais pode-se retornar à condição comum, despreocupada e inconsciente de antes. Para Johnson (1987), Eros é um degrau intermediário entre a vivência humana e a grandiosidade de Deus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim, o presente trabalho serve como um guia, para nos lembrar e mostrar qual direção tomar no dia a dia nas relações, trabalhando a memória para não perder o foco novamente em afetos vazios. Desenvolver o amor não é uma tarefa fácil porque não é fácil ter consciência dos próprios complexos, ter a coragem de encarar a própria sombra e desfazer-se das identificações externas a fim de se enxergar mais claramente. Muitas vezes realizar todo esse trabalho pode, na verdade, nos colocar de frente com o quanto há conteúdo inconsciente e desconhecido dentro de nós, sobrando pouco material palpável que nos indique quem realmente somos.

Não ter a certeza dessa questão acarreta em medo para muitas pessoas, pois é necessário a segurança em algo maior, no numinoso. Fortalecer o ego para ver que não se é exclusivamente mau ou bom, confiar no caminho de desenvolvimento da coniunctio, e se deixar ser influenciado pelos arquétipos da maneira mais consciente possível. O amor diviniza porque exige um sacrifício nosso para nos tornarmos pessoas melhores. É essa transformação pessoal que serve como inspiração para os mais próximos de nós.

Na primeira categoria encontrei uma compreensão da situação contemporânea dos relacionamentos e afetos. O amor é uma força que causa medo devido ao tamanho de desordem que pode causar internamente no indivíduo, mas é essa confusão que possibilita que enxerguem novas perspectivas dentro de si. A falta de amor também é influenciada pelas enormes identificações infantis das pessoas de hoje, dirigido para o desejo de prazer a todo instante e a conquista de poder. Porém, só a partir do abandono do núcleo narcisista que ocorre o encontro com o outro e, conseqüentemente, consigo mesmo em maior grau em direção à individuação.

Para a individuação ocorrer em movimentos coletivos é preciso que se reconheça a história em comum a ambos os grupos para identificar a sombra coletiva. Cada grupo precisa analisar as projeções que foram impostas no outro e compreender que não possui caráter numinoso para realizar a distinção de princípios de valor ético e moral, pois isto compete aos deuses. Os opostos do bem e do mal devem ser percebidos dentro de cada um, e ser portador dessas energias para que as fronteiras e divisões com os vizinhos não se tornem rígidas.

O mistério da *coniunctio* mostra o caminho da separação e integração dos opostos psíquicos com base na alquimia. A tensão entre os opostos é quem impulsiona num fluxo de libido que mantém a psique ativa. É um evento misterioso e transcendente, por isso sua interpretação é feita de uma maneira simbólica e abrangente, de um modo que possa englobar uma grande possibilidade de caminhos distintos. Quanto mais longe nesse caminho a pessoa consegue seguir, mais sua consciência se amplia. Portanto, uma maior consciência coletiva é feita a partir do aumento do número de indivíduos que tenham consciência da totalidade.

O mito de Eros e Psiquê mostra que para captar a compreensão divina do amor, a pessoa precisa suportar uma experiência arquetípica e sobreviver a ela. Uma experiência que apresentou diversos desafios mortais para a psique, e apesar de ser necessário suceder nas atividades que promovem o autoconhecimento, falhas são consideradas normais e integrantes ao processo. E mesmo que ocorra o desejo de voltar a uma condição mental anterior, por comodidade, tendo em vista que para muitos a ignorância é uma benção, por não apresentar exigir um esforço de sua parte, isso não ocorre. Uma vez que se avança nos degraus de evolução da psique, a responsabilidade tende a aumentar, para que a entrada ao Olimpo seja permitida pela realização da ligação humana com uma qualidade divina.

A importância desse tema é auxiliar a nossa sociedade na busca de mais saúde nas relações, trazendo o foco do desenvolvimento humano para o autoconhecimento. Nesse sentido, é importante que este tema seja aprofundado através de pesquisas que levem em consideração o processo de individuação e a sua prática, verificando os efeitos que este trabalho evidencia. A aplicação do amor enquanto integração dos opostos surge como uma resposta a uma realidade conflituosa inerente à humanidade – realidade esta que é justamente o prenúncio do casamento verdadeiro, a própria *coniunctio*.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, Aldo. Eros e Pathos: Amor e sofrimento. 1ª. Ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2018.

CÉSAR E MELO, Jussara Maria de Fátima. Eros e Pathos. *In*: SALLES, Carlos Alberto Corrêa; CÉSAR E MELO, Jussara Maria de Fátima (org.). Sexualidade e Individualização. 1ª. ed. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda., 2007. cap. 3, p. 39-78.

EDINGER, Edward F. O Mistério da Conunctio: Imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008.

HALL, James A. Jung e a Interpretação dos Sonhos: Manual de Teoria e Prática. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

HORSCHUTZ, Renata Whitaker. A família. *In*: WERRES, Joyce (org.). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 2, p. 38-55.

JOHNSON, Robert A. SHE: A chave do entendimento da Psicologia Feminina. São Paulo: Mercury, 1987.

JUNG, C. G. Memórias, sonhos, reflexões. 33ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 423 p.

JUNG, Carl Gustav. Os fundamentos da psicologia analítica. 1ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JUNG, Carl G. Sobre o Amor. SCHIESS, Marianne (ed.). São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 9/1.

JUNG, C. G. Civilização em transição. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 10/3.

JUNG, C. G. Estudos de Psicologia Analítica: obras completas de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 1981. v. 8.

Mendes, Rosana Maria e Miskulin, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. Cadernos de Pesquisa [online]. 2017, v. 47, n. 165. Acesso em: 07 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143988>.

MUSSI, Anita. As relações. *In*: WERRES, Joyce (org.). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 3, p. 56-75.

NEUMANN, Erich. Amor e Psiquê: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. São Paulo: Cultrix, 1993.

PERES, Sílvio Lopes. A arte. *In*: WERRES, Joyce (org.). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 7, p. 145-171.

ROBERTO, Gelson Luis. Os valores. *In*: WERRES, Joyce (org.). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 9, p. 207-229.

SANFORD, John A. Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. 1ª. ed. 15ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2020.

STEIN, Murray. Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

STEIN, Murray. Jung: o mapa da alma. 5ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WERRES, Joyce. O indivíduo. *In*: WERRES, Joyce (org.). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 1, p. 13-37.